

A fobia e o fascismo: uma leitura de Walter Benjamin à luz da Psicanálise

Phobia and fascism:
a reading of Walter Benjamin in the light of psychoanalysis

Patrick Almeida¹

Para Alexandre de Moura, *in memoriam*

RESUMO

O presente artigo pretende ser uma contribuição a uma perspectiva de leitura que aproxime a reflexão crítica de Walter Benjamin e a teoria psicanalítica. Parte-se aqui de um quadro sintomático apontado por Benjamin, a saber, na contradição entre meios técnicos e fins sociais, próprio da sociedade capitalista, quadro que tem na guerra sua resultante e forma perversa de resolução, mas que, no entanto, abrange um conjunto de fatores e vetores que funcionam de modo ratificador das relações de propriedade e de produção dadas. Os delineamentos e implicações desse quadro terão seu tratamento e abordagem centrados num conjunto de textos da década de 30 da produção de Benjamin. Pelo lado da Psicanálise, trata-se de, com base na psicopatologia da fobia, tanto a que se apresenta na compreensão basilar de Freud, estabelecida no caso Hans, quanto na reinterpretação lacaniana da matéria, construir uma chave de leitura da teoria crítica de Benjamin, por meio da qual se abra um campo de ressonâncias e de solidariedades interpretativas entre ambos os horizontes teóricos.

Palavras-chave: Fobia; Psicanálise; Benjamin; Fascismo; Capitalismo.

ABSTRACT

This article intends to be a contribution to a reading perspective that brings together Walter Benjamin's critical reflection and the psychoanalytical theory. Namely, initiates from a symptomatic framework pointed out by Benjamin, the contradiction between technical means and social ends, characteristics of a capitalist society, framework which results in war and its perverse form of resolution, nevertheless, covers a set of factors and vectors that operate ratifying the given property and production relations. So, the outlines and implications of this arrangement will be centralised in a set of texts from the 1930s produced by Walter Benjamin. From the psychoanalytical side, it is

¹ Doutor em Filosofia pela USP (2017). Professor adjunto II na UNILAB. E-mail: patrick.almeida@unilab.edu.br

about, based on psychopathology of fobia, as presented in Freud's essential interpretation of Little Hans Case, also in the Lacanian reinterpretation, building a reading key of Benjamin's Critical Theory, through an opening field of resonance and interpretative solidarity between both theoretical fields.

Keywords: Fobia; Psychoanalysis; Benjamin; Fascism; Capitalism.

Considerações iniciais

Quando nos deparamos com os textos da década de trinta de Benjamin, é inevitável não reparar na insistência com que ele apresenta uma espécie de circuito em curto. Circuito articulado nos componentes da situação da técnica e da demanda social. Técnica que se detém numa capacidade deficitária ao uso. Demanda que persiste diante de uma frustração permanente. Curto que se chama guerra, esta que, por sua vez, funciona como descarga, que, por fim, paradoxalmente, rearticula e preserva o fluxo da corrente por meio do represamento do uso e do adiamento da satisfação. Eis o funcionamento intestino, em termos simples, desse aparelho que tornou possível a humanidade ser transformada em “espetáculo para si mesma”, ou ainda, pelo qual ela se degrada à condição de “autoalienação” (Benjamin, 2012, p. 212). Mas não é um autômato perfeito. Por isso, o trabalho que se gasta na conservação do fluxo da corrente, que tem se restabelecido depois de cada descarga, se dirige também a soldar as falhas e descontinuidades provocadas pelas resistências.

Esse funcionamento que pode ser compreendido em termos de uma vazão por curto, uma modalidade de satisfação controvertida, ressalta das seguintes formulações de Benjamin:

L'automobil c'est la guerre. O que estava na raiz dessa surpreendente associação de idéias era a noção de uma aceleração dos instrumentos técnicos, seus ritmos, suas fontes de energia etc., que não encontram em nossa vida privada nenhuma utilização completa e adequada e, no entanto, lutam por justificar-se. Eles justificam-se, renunciando a todas as interações harmônicas, pela guerra [...]. (Benjamin, 2012, p. 63).

A guerra somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de propriedade existentes. Eis como o fenômeno pode ser formulado do ponto de vista político. Do ponto de vista técnico, sua formulação é a seguinte: somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de propriedade. (Benjamin, 2012, p. 210).

Como a utilização natural das forças produtivas é bloqueada pelas relações de propriedade, a intensificação dos recursos técnicos, dos ritmos e das fontes de energia exige uma utilização antinatural. Essa utilização é encontrada na guerra, que prova com

suas devastações que a sociedade não estava suficientemente madura para fazer da técnica o seu órgão, e que a técnica não estava suficientemente avançada para controlar as forças elementares da sociedade. Em seus traços mais cruéis, a guerra imperialista é determinada pela discrepância entre os poderosos meios de produção e sua utilização insuficiente no processo produtivo, ou seja, pelo desemprego e pela falta de mercados. Essa guerra é uma revolta da técnica, que cobra em “material humano” o que lhe foi negado pela sociedade. (Benjamin, 2012, p. 211).

O teor contido nessas distintas passagens revela um sentido homogêneo, embora se reponha com variações nas fórmulas. Ele exprime uma espécie de inequação dada entre meios técnicos e fins sociais. Por trás da clareza dos termos aí relacionados, é possível descortinar algumas implicações e pressuposições não tão evidentes assim. Uma delas, a título de ilustração, é o modo como Benjamin reporta a guerra não somente como manifestação ou expressão de interesses de dominação em geral, mas enquanto encampada por uma captura sistêmica de dominação, como uma emergência necessária de um aparelhamento totalitário, isto é, capturada e articulada num sistema de vinculações e investimentos que a tornam momento constitutivo de uma dialética perversa. Outra implicação reside no dimensionamento econômico desses fatores, não somente no sentido estrito do termo, patente na letra, mas no sentido de uma determinação quantitativa interna ao arranjo. Tal determinação tem por consequência – e isso se faz presente em certa denúncia de Benjamin – a percepção de um *limiar*.

Precisamente esse aspecto quantitativo da coisa é o que permite um paralelo com a teoria psicanalítica, buscando auxílio em noções como recalque, formação de defesa, sintoma etc., pois que tais processos psíquicos possuem também um lastro econômico, isto é, um funcionamento que pode ser apreendido em termos de descarga, incremento ou diminuição de tensão, vinculações protetivas ou estabilizadoras etc., assim como implicam a pressuposição de um limite “subjetivo”, em relação ao qual as solicitações ou encaminhamentos das forças ou correntes em jogo nesses fluxos, cada vez mais transbordantes, não encontram uma “harmonização” ou acomodação possíveis, culminando em efeitos disruptivos.

No intuito de estabelecermos uma aproximação, é preciso atentar, ainda com relação ao teor das formulações supracitadas de Benjamin, que existem vetores ou dimensões, ora entrecruzados ora superpostos, que explicam e justificam tanto a resultante da figura mais concisa dada na inequação entre técnica e sociedade, qual seja, a guerra, quanto os epifenômenos que a mesma figura abriga e tem por condições. Com respeito a essas dimensões que se relacionam mútua e dialeticamente, *leitmotiv* da análise crítica benjaminiana da sociedade capitalista, podemos elencá-las nas seguintes rubricas: i) a comunicabilidade, (ii) o mundo onírico e (iii) a eficácia da violência. Tais dimensões, guardadas as devidas proporções, podem ser aferidas numa correspondência com os registros psicanalíticos pelos quais os fenômenos psíquicos, nomeadamente a partir de

Lacan, encontram uma nova base heurística, a saber, respectivamente o simbólico, o imaginário e o real.

No sentido de obter uma emulação entre a reflexão crítica de Benjamin e a teoria psicanalítica, por meio da construção de uma homologia entre determinados elementos estruturantes aos dois domínios teóricos, especialmente no que permite estreitar a teoria do fascismo presente na primeira à lógica de funcionamento da formação fóbica na segunda, gostaríamos, primeiramente, de apresentar, em justos traços, a psicopatologia da fobia, tal como Freud a individualizou clinicamente no caso Hans, caso paradigmático dessa patologia, a qual Freud inscreveu no interior do espectro da “histeria de angústia”. Ao mesmo tempo, gostaríamos de entremear e cotejar a apresentação da abordagem freudiana com considerações provenientes do trabalho posterior de Lacan, onde o funcionamento da fobia é ressituaado e reinterpretado, a partir dos supramencionados registros. O exame da interpretação do material clínico do caso, conjugando e delineando nisso as posições de ambos os psicanalistas, nos fornece, para um segundo momento, um núcleo teórico-conceitual capaz de surtir um efeito de espelhamento em face de uma estruturação também nuclear à reflexão crítica de Benjamin, proporcionando uma chave de leitura capaz de abrir um campo de ressonâncias, complementaridades e solidariedades interpretativas.

1. A deriva fóbica

O *Caso Hans* foi publicado em 1909. O caso tornou-se célebre dentro da literatura e clínica psicanalíticas por se tratar de um primeiro caso de tratamento psicanalítico ocorrido com uma criança. A condução psicanalítica do tratamento foi feita pelo próprio pai da criança, que era um seguidor da emergente Psicanálise. Freud atuou mais no que chamaríamos hoje de supervisão do caso, tendo, contudo, encontrado Hans presencialmente por duas vezes, nas quais suas intervenções não deixaram de ser decisivas. O menino apresentara inicialmente uma fobia de cavalos que progressivamente se desdobrou em um multifacetado complexo de inibições e sintomas. O caso também tornou-se um marco na compreensão psicopatológica da fobia porque é nesse momento que Freud aponta e discute uma dimensão representativo-substitutiva atinente à patologia da fobia. Até então, a fobia esteve atrelada ao que Freud denominou de “neurose de angústia”, uma espécie de síndrome que eclodia sem a participação da vida psíquica, provocada por insatisfações do gozo sexual. Essa neurose era etiologicamente condicionada por processos somáticos, segundo Freud, principalmente devido à insatisfação constante e acumulada provocada pelo uso das práticas contraceptivas. A neurose de angústia, da qual Freud aproximava a fobia, constituía-se diferentemente da psicodinâmica das neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva), já que nestas havia sempre uma representação original recalcada por trás da representação dada no sintoma. O caso Hans, portanto, vem mostrar que se trata, para Freud, igualmente, na fobia, de um trabalho de transferência simbólica, a representação fóbica não é mais um irreduzível analítico, pelo contrário, ela também se presta a um trabalho de

retradução em termos de representações sexuais. Isso constituiu um avanço na teoria e na clínica da fobia.

Como o trabalho da fobia é, no fundo, um trabalho de simbolização, é nesse espírito que Freud percorre o fio dos sintomas e das representações que Hans vai desenovelando em suas formações neuróticas. Para adentrar o caso, podemos tomar como ponto de partida, com base no relato fornecido pelo próprio pai da criança, isso que em si mesmo já aparece a Hans como ausência de ponto de partida, “ausência”, aliás, que se insinua na pergunta inicial de Hans: “Mãe, você também tem um fazedor de pipi?” (Freud, 2015, p. 126). Ou melhor, “ausência” que se revela menos na pergunta do que naquilo que a suscita e constitui o que ela já procura encobrir². Sabemos que é nesse mesmo momento das manifestações da vontade de saber do pequeno Hans, da espontânea inspeção de sua curiosidade, que se situa também o ponto de disparo de seus acometimentos patológicos. A partir daqui, de modo mais notório, é que Hans imerge nesse “banho de linguagem” (Lacan, 1995, p. 325), onde também começa sua aventura no rastro desse ponto de detenção em que, como nos falará Lacan, a coisa “para de não se escrever” (Lacan, 2008, p. 100). Podemos dizer que esse funcionamento irruptivo preside toda a dinâmica e economia da construção fóbica de Hans, quer dizer, toda a deriva do trabalho de elaboração dessa criança que é, como se admira Freud, o “protótipo de todas as maliciosidades!”³ (Freud, 2015, p. 136).

O caso contém o relato e interpretação de toda essa deriva, que vai da “percepção defectiva”⁴ (Freud, 2015, p. 131) de Hans, recusadora, até sua montagem hidráulica, revelando seu esforço por operar uma sutura. Tanto Freud quanto Lacan problematizam a solução a que chega Hans. Embora as interpretações do caso por Freud e Lacan não se superponham propriamente, está patente o espírito comum de marcar, no esforço compensatório das produções fantasísticas de Hans, certa precariedade na transmissão simbólica. Na percepção analítica de Freud, quando nos dirigimos diretamente às suas considerações finais do caso, faltou, ao projeto pedagógico antivitoriano dos pais de Hans⁵, a segura postura em lhe transmitir os fatos da vagina, do ato sexual e da proveniência dos

² Precisamos situar que, as inquietações iniciais de Hans, no sentido de sua curiosidade e “experimentações” sexuais devem ser reportadas ao tempo da descoberta da diferença anatômica entre os sexos, a famigerada “diferença sexual”. A teoria psicanalítica de Freud situa nesse tempo muitas das vivências com força traumática para produzir neuroses infantis e recrudescimentos dessas neuroses na vida adulta. Isso porque, para Freud, a diferença sexual não é um dado, a criança vai se deparar com ela e terá que de algum modo simbolizá-la, visto que haveria um primado fálico no campo sexual, primado este que será confrontado de alguma forma pelas evidências perceptivas. A diferença sexual se apresenta para a criança como uma fonte de angústia, principalmente através da visão da genitália feminina, que é simbolizada inicialmente como “faltante”, ou seja, como possivelmente castrada. A percepção da diferença sexual se articula estruturalmente com a ameaça de castração. É isso que atuará na fobia de Hans.

³ Tradução nossa de *Ausbund aller Schlechtigkeiten!*

⁴ Tradução nossa de *fehlerhafte Wahrnehmung*.

⁵ Cf. Freud, 2015, p. 236: “os pais de Hans o descrevem como um menino alegre e sincero, e assim deve ser realmente, graças à educação que lhe foi dada pelos pais, que consistiu essencialmente no abandono dos pecados educacionais de costume”.

bebês, realidades cujas ausências ou velamentos explicativos destina a transmissão simbólica à função ratificadora do recalque⁶, em razão dos cortes impostos, indicativos do efeito do pudor e do recuo diante do sexual, ensejando, assim, rasgos onde a fermentação imaginária de Hans vem atuar. Essa fermentação, por sua vez, se coloca a serviço da renitência de Hans na suposição universal do “fazedor de pipi”.

O que nos interessa demarcar, em suma, é que, no quadro interpretativo de Freud acerca do referido caso, já se encontram em jogo, precisamente nos fatores da transmissão pela linguagem, da imaginação prodigiosa da criança e da emergência da angústia diante da irrupção traumática, aqueles três registros do psiquismo que Lacan denomina respectivamente de simbólico, imaginário e real. Freud equaciona a formação da fobia, tornando já articuláveis essas três “variáveis”. Por parte de Freud, percebemos um acento colocado no fator da transmissão simbólica, na medida em que o mesmo é decisivo no encaminhamento de uma resolução não patológica do complexo em jogo. De outra parte, ao mesmo tempo, ele acena para a determinação quantitativa do incremento de angústia. Isso se depreende da contraindicação enfática de Freud à confrontação forçada com o objeto fóbico (Freud, 2015, p. 251), quando isso vem desempenhar o papel de alternativa terapêutica, pois tal “recurso” constituiria uma via desproporcional, na medida em que constrange, mediante uma inconformidade, a capacidade de “assimilação” psíquica do traumático, o que representaria uma fonte de prejuízos por demais danosos ao sujeito. O que Freud defende aqui se trata de que a exposição violenta à angústia (parece haver nisso a suposição tácita de um *limiar*) tem um efeito deletério ao indivíduo, quer dizer, é fator dessubjetivante. Essa forma de vulnerabilização psíquica, contudo, não responde pelo caso específico de Hans, que contou com a parcimônia presumidamente ilustrada dos pais. O que Freud sugere, em suas considerações finais do caso, é que a solução “incompleta” que Hans alcança deve-se às falhas da comunicação do sexual que os pais não dão cumprimento⁷, bem como na hesitação destes em proceder à frustração de alguns anseios incestuosos do filho.

Com respeito à estruturação e à dinâmica psicológica subjacente à fobia, Freud afirma, por um lado, que ela consiste numa espécie de *Vorbau* psíquica, uma “construção de fachada” (Freud, 2015, p. 251), uma cobertura (*Deckung*); por outro, uma luta (*Kampf*), uma dramatização reencenada, “reelaborada”⁸ (Freud, 2015, p. 272). Sua emergência está associada à privação e à frustração feita a certa *Sehnsucht*, um anseio que então não encontraria mais satisfação, mesmo na presença do objeto ansiado. Essa *Sehnsucht* mais radical, essa procura ansiosa que não encontraria mais satisfação, como se não houvesse mais um correlato

⁶ Para Freud, na interpretação do caso Hans, a direção do tratamento analítico persegue a reversão das tendências retrogradantes ou fixatórias da incidência do recalque, direção que ele precisa como sendo a substituição do recalque por uma condenação (*Verurteilung*) (Freud, 2015, p. 280), isto é, um ajuizamento, onde comparece sobre a coisa um efeito do trabalho de linguagem, poderíamos dizer.

⁷ Remetemos: “[...] embora seja nítido a vitória da rejeição da sexualidade [*Sexualablehnung*] na fobia [...]” (Freud, 2015, p. 274).

⁸ Tradução nossa de *umgearbeitet*.

“objetal”, Freud, em seus esclarecimentos psicopatológicos, indica a angústia como sua via resolutiva, o que marca doravante um investimento libidinal tornado impossível. Na elucidação freudiana do processo fóbico de Hans, constitui algo intrigante o fato de que os eventos retidos na memória do neurótico, concernentes ao objeto fóbico, não possuem *per se* a “força traumática” (Freud, 2015, p 271) que justifique a formação dos complexos envolvidos na condição patológica. Tal objeto é apropriado e investido, como que parasitado pelo trabalho da simbolização. As sedimentações ou formações fóbicas que resultam da apropriação ocorrem muito mais pelo objeto fóbico facultar um campo de polivocidade de nexos associativos, mediante o quê se opera a transposição do recalcado a uma forma reelaborada [*Umarbeitung*]⁹.

Freud descreve ainda a fobia como um processo de defesa, uma construção ou artifício do sujeito para obviar a angústia ou evitar sua permanente irrupção, quando da recrudescência do material recalcado. Ela se funda em um esforço de transposição do sujeito por meio de um trabalho de simbolização. Pode-se dizer que se trata de um trabalho de e pela linguagem, ensejado quando o sujeito se depara com isso que produz nele um estado penoso ou angustiante. Contra essa situação de perigo, que ameaça permanentemente prejudicar o sujeito, ele se defende construindo essa fachada, isto é, ele faz um objeto fóbico, como se diz, para nisso viabilizar uma “projeção” e uma representação assimilável do recalcado. O trabalho de elaboração fóbica como que designa um rosto, ou ainda, uma máscara para o perigo, marcando/velando com um símbolo a fonte insuportável de sofrimento, pois assim o sujeito consegue lidar com esse perigo, posto que instaura a partir de e para si mesmo essa posição estratégica. Produz-se assim uma nomeação para o estranho e o ameaçador, para isso que Lacan chamará de “o real”, que é, no fundo, inominável, quer dizer, aquilo que não pode ser neutralizado pela articulação simbólica, por mais compactante e consistente que ela seja. Por meio da construção desse artifício protetivo, o terrífico da coisa se transforma em um medo “controlável”, poderíamos dizer, nesse sentido, escalar. O sujeito obtém assim um ganho do ponto de vista econômico: o real da angústia tem sua emergência vinculada à aparição desse objeto representativo, substitutivo. Ao invés da angústia “pura”, emerge, no sujeito, o medo determinado de algo ou um medo circunstancialmente determinado, instado por uma situação bem definida. Por esse expediente, a angústia ante o inominável transmuta-se, em grande medida, em um medo localizável, situável, “nomeável”, minimizando seus efeitos nefastos.

Freud, já dissemos, deposita um resolutivo voto no trabalho de simbolização, não obstante ele considere a interveniência perturbadora tanto do confronto forçado com o objeto fóbico, situação que mostra a ingerência de um sadismo pedagógico lidando com a “covardia incompreensível” (Freud, 2015, p. 251), quanto da forma de transmissão lacunar e velada que enseja o aparecimento das excrescências imaginárias. O que atuaria na encenação agônica da fobia, segundo

⁹ É assim que Freud interpreta as fantasias infratoras de Hans, como “fantasias simbólicas de coito” (Freud, 2015, p. 257).

Freud, consiste em componentes pulsionais de natureza sádica, que não encontrariam saída senão em um momento de perigo ou, quando encontram, o fazem na forma distorcida que lhes impõe o recalque. Por esse motivo, na fobia, segundo Freud, “a vitória continua sendo do recalque” (Freud, 2015, p. 274), porém isso deve ser entendido na perspectiva do material recalcado, no sentido de que tal material preserva um “gradiente” incólume ao trabalho de vinculação com a significação própria à simbolização, gradiente suficiente para suscitar as afecções fóbicas e a conseqüente condição patológica. O trabalho de transposição do traumático operado pela fobia consiste, em parte, num trabalho da cultura, entretanto, Freud caracteriza a fobia como uma solução ainda muito primária para os fins de barramento da angústia e de destinação das componentes pulsionais em jogo. Os recursos da fobia, pelo lado de sua finalidade, são precários. Não é à toa que, do ponto de vista de um paralelo possível entre os planos onto e filogenético, ele ponha a produção da fobia, sobremaneira infantil, em correspondência com o totemismo de primitivas civilizações. Ele a avalia, em suma, como um “miserável sucesso” (Freud, 2015, p. 274).

Reside exatamente nessa conjunção de aspectos, que a condição patológica da fobia franqueia, o nosso interesse em relação à construção de uma emulação com a reflexão crítica de Benjamin: seja na recalitrância do recalcado à linguagem (a interrupção da transmissão); seja no que Freud pontua como fixações fantasísticas (imaginárias, segundo Lacan), pelo quê se processa a captura de satisfações arcaizantes; seja na conformação do sujeito ao rudimentar capeamento simbólico que permite a astúcia de forjar uma animosidade postiça (substitutiva).

2. Benjamin e o capeamento fóbico

Penetremos a imagem tão corretamente iluminada pelo olhar dialético de Walter Benjamin, contida bem no início de *Experiência e Pobreza*, onde se retoma o contexto da primeira guerra mundial¹⁰:

uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto [aqueles mesmos bondes e carruagens que Hans via passar à frente de sua janela], numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (2012, p. 124)

Apresenta-se aqui a captura precisa de um contraste que Benjamin enquadra, a partir de seu singular ângulo histórico, de maneira a conferir intuitibilidade plena à situação: para muitos, a épica terrífica da guerra irrompeu bem no centro de seus idílios. O foco no “frágil e minúsculo corpo humano” fazendo frente à maquinaria de destruição universal da guerra aproxima com

¹⁰ Guerra esta, diga-se de passagem, que produzira aqueles neuróticos e psicotizados, de cuja insolência dos sintomas adquiridos, a escuta clínica de Freud depreenderá a *pulsão de morte*.

máxima nitidez esse “contraste”, certamente, não para imprimir um lirismo à cena, mas antes, Benjamin nos fala aqui da realidade de certo limite, de um limiar. Quando Benjamin alude a essa desproporção, não podemos deixar de remeter ao perigoso que representa, para Freud, o confronto forçado com o objeto fóbico, pelo que o sujeito é empurrado para uma “situação em que não pode fugir do desencadeamento da angústia” (Freud, 2015, p. 251). Reiteremos que essa modalidade de incidência da violência traumática representa uma das vias perturbadoras do trabalho de elaboração do sujeito. Parece-nos, também, que Benjamin implica nessa passagem a mesma sorte de consequência provocada pelo horror da guerra, precisamente naquela que revelara um desenvolvimento técnico sem precedentes a serviço de um poder destrutivo que até então só tinha seu par possível no mundo onírico; guerra, ademais, que constituíra “uma das mais terríveis experiências da história universal” (Benjamin, 2012, pp. 123-24). Qual seja essa consequência: uma danificação que compromete a capacidade dos sujeitos para elaborar o vivido. Benjamin demarca como resultado dessas vivências de guerra a desolação comunicativa dos protagonistas: “os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalhas”, “mais pobres em experiências comunicáveis e não mais ricos” (Benjamin, 2012, pp. 123-24). Para ambos, Benjamin e Freud, assim os vemos, trata-se de marcar um prejuízo na simbolização pela proximidade sem filtro – ou “privado de sua cobertura” (Freud, 2015, p. 251.), como exprime o segundo – com o terrífico da guerra e com o traumático do sexual. O que se descortina como horizonte extremo, a partir das imagens fixadas por Benjamin, é que a guerra, como nudez da violência que borra e suprime as demarcações da cultura, chegando até a exibição da barbárie “negativa”, antes obscenizada, traz à baila um conjunto de vivências, por assim dizer, “insimbolizáveis”. Por esse motivo, em sua culminância, tal violência só se presta a ser a transmissão de si mesma, isto é, a ser a corrente e o circuito indefinidos de sua própria sanha aniquilatória, ou ainda, ela é a interrupção de toda e qualquer transmissão que se articule tendo por base um *laço* simbólico e, no limite, uma interrupção não provisória.

A imagem benjaminiana dos combatentes que retornam emudecidos diz-nos não somente de uma consequência fortuita, mas deixa entrever nexos de um fenômeno objetivo, derivado do exercício de uma violência articulada em fins presumidos, que parece se desvendar no circuito que submete o “material humano” à condição de meio. Em *Teorias do Fascismo alemão*, o tom acusatório de Benjamin é mais patente a esse respeito, nos fornecendo mais subsídios. Nesse texto, ele exaspera contra o lirismo arrebatado dos ex-combatentes que escrevem sobre suas “experiências” da primeira guerra. Trata-se de uma coletânea de textos intitulada *Guerra e guerreiros*, datada de 1930 e organizada por Ernst Jünger. Benjamin dissolve a reivindicação arrebatada de um heroísmo e de um código de conduta guerreiros, assumida nessa coletânea, num mistificado anacronismo. Anacronismo de que os próprios autores se ressentem quando lamentam a fase da “batalha de materiais” (Benjamin, 2012, p. 73) travada na segunda fase da referida guerra, em comparação com a guerra de trincheiras. O protagonismo individual suposto por esse heroísmo é completamente inconsistente com as novas tecnologias de destruição em massa gestadas no pós-guerra. Para Benjamin, trata-

se de, defrontando esse laudatório, tornar flagrante a operação de recobrimento que se efetua por meio desse ideário reacionário, enlevado pelas senhas da nação, da pátria, do heroísmo etc., cujo propósito de fundo permite suscitar e fortalecer uma oposição falsificada, uma inimizade postiça, auferindo disso uma ignominiosa justificativa para a vazão das potências destrutivas dos meios técnicos presentes. Reportemos:

O que se forjou aqui, a princípio sob a máscara do voluntário, na guerra mundial, e depois sob a do mercenário, no pós-guerra, foi na verdade um competente guerreiro fascista para a luta de classes, e o que os autores entendem por nação, é de fato uma classe senhorial apoiada nesses indivíduos, a qual não sendo responsável perante ninguém e muito menos perante si mesma, instalada num trono excelso, tem em sua fisionomia os traços de esfinge do produtor, que promete tornar-se, em breve, o único consumidor das suas mercadorias. A nação dos fascistas apresenta-se, com esse seu rosto de esfinge, como um novo mistério econômico da natureza, ao lado do antigo, que, longe de diminuir-se em sua técnica, revela agora os seus traços fisionômicos mais ameaçadores. No paralelogramo de forças constituído pela natureza e pela nação, a diagonal é a guerra. (Benjamin, 2012, p. 73)

Assim como sucede à posição fóbica, o que entra em cena aqui, com os combatentes e seus valores (suas elaborações deformadas), é um inimigo mascarado, cujos “traços de medusa das feições” (Benjamin, 2012, p. 75) estão cobertos pelo véu da identidade nacional. É o terror ante a petrificação que forja, por uma via defensiva, o compromisso com o imaginário protetivo que impele ao recuo do combatente diante do rosto da Medusa. Esse recuo se confunde, para Benjamin, com o deixar “passar a grande oportunidade dos vencidos”¹¹ (Benjamin, 2012, p. 68).

Assim como se passa na fobia, a *construção de fachada* do combatente patriótico devolve um tanto da motilidade comprometida e, com ela, um tanto da satisfação da agressividade que é inibida pela forma de incidência do recalque. Basta lembrarmos de como Hans, em certa altura de seu trabalho fóbico, retoma os passeios com o pai e como, em determinada ocasião, ele faz do pai, numa simulação consentida, seu próprio cavalo de batalha, inclusive investindo agressivamente contra ele, quando então volta a ostentar, provisoriamente, um ar de dominador. Freud sabe que esta simulação designa ao mesmo tempo a meia-medida da resolução. Seria no mínimo lírico, dar a pensar, por meio desta comparação, que a guerra abre flanco a uma agressividade simulada. A licenciosidade para com a nudez da guerra, porém, torna-se mais franca por sob um véu que falsifica o objeto de investimento. Por meio disso, o que se aplaná é

¹¹ No contexto dessa passagem, Benjamin faz uma referência aos russos, o que precisa ser entendido no sentido de que de suas derrotas e miséria social eles se impulsionaram a uma aberta guerra de classes.

o liso caminho da meta. Essa astúcia é uma necessidade derivada da acumulação das forças produtivas da técnica, em outros termos, do seu represamento a despeito da assimilação social de seu uso.

Ainda em sua diatribe à coletânea de Ernst Jünger, Benjamin alfineta a inflação ideológica da necessidade mística da guerra, centrada na significação do combate apoteótico, controvertendo tal significação: “estes [os que manejam a técnica como uma chave para felicidade] darão prova de sua sensatez no momento em que se recusarem a ver na próxima guerra um episódio mágico, descobrindo nela a imagem do cotidiano” (Benjamin, 2012, p. 76). Essa *démarche* da significação da guerra, feita por Benjamin, subverte a percepção fascista ao apontar que a violência está desde já tentaculada na vida cotidiana. Polarizar a culminância destrutiva da guerra apoteótica com os tempos de paz constitui um nivelamento próprio do trabalho de significação perseverante dos vencedores¹². Isso significa que a medida de animosidade necessária não é produzida sem a captura no capeamento fóbico da postura inimizada nacionalista, erigindo uma *construção de fachada* que torna administrável a guerra de classes. Com isso, a “classe senhorial” não deixa de lograr uma posição de vantagem no interior dessa guerra, na exata medida em que os interesses patrióticos e identitários, pretensamente apoiados em distinções culturais, tornam absconsos os interesses imperialistas mercantis.

O acoamento que produz a forma defensiva fóbica é feito também por outro vetor, complementar à incidência direta da violência da guerra e à sua extensiva existência no cotidiano, pelo que se estabelece uma espécie de formação de compromisso. Esse outro vetor pode ser indicado no fato de que, quando retornam, os combatentes já encontram todas as suas vivências elaboradas por meios massivos de difusão de informação (rádio, jornal), quando não, são entulhados pela enxurrada do tratamento material profissional. Essa precedência do revestimento interpretativo, a produção *a priori* das significações, desterra o elemento artesanal do “boca a boca”, tornando-o ineficaz, o que redundava naquela privação constitutiva do homem contemporâneo: “privado de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 2012, p. 213). O efeito traumático da incidência da violência se alia aqui à eficácia cada vez mais consistente de uma “simbolização” aplacadora¹³. A tendência desse duplo prejuízo vai na direção de tornar o sujeito real-simbolicamente vulnerável e miserável. Quando Benjamin metonimiza na imagem do Camundongo Mickey – esta “existência cheia de Milagres” (Benjamin, 2012, p. 127) – o princípio de funcionamento de um operador onírico, ele projeta nisso uma via de satisfação substitutiva (alucinada) que se reforça a título de efeito

¹² Do outro lado, do lado dos vencidos, da “geração dos derrotados” (2012, p. 248), tal como Benjamin articula em *Sobre o conceito de história*, a incidência dessa violência aparece fazendo frente àqueles laços que se atam no sentido de deflagrar um “verdadeiro estado de exceção” (2012, p. 245).

¹³ Não desdobraremos aqui o caráter dialético dessa “perda de experiência”, que segue, por outra via, na direção da dissolução da transmissão tradicional.

compensatório àquela existência “que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças” (Benjamin, 2012, p. 127). O fator comunicativo se transpõe a uma dimensão onírica. O que se apresenta nisso é uma resolução que se torna tanto mais sonhada (mais facilitada) quanto mais se acirram os solipsismos. Na tessitura onírica dos laços, as dificuldades, as derrotas diárias, o cansaço, “a tristeza e o desânimo do dia” (*loc. cit.*) são superados na imaginarização de um mundo estruturado por um conjunto de nexos e associações que ratificam o pacto obscuro de “natureza e técnica” (Benjamin, 2012, p. 128).

Sabemos que, do ponto de vista da consideração clínica, as formações fóbicas são atinadas por uma escuta que atua a partir da provisão idiossincrática do material imaginário aleatório do sujeito, com o qual ele busca operar uma sutura, ao passo que, ao pensarmos uma formação fóbica comprometida com um domínio onde o material imaginário se torna um patrimônio das massas, onde essa provisão é cada vez mais “comum”, precisamos atentar para encaminhamentos resolutivos típicos que determinam o comportamento das massas e que estão aferidos a essa apropriação “coletiva”. Para o bem ou para o mal, a uniformidade e a homogeneidade do material favorecem formas de elaborações típicas. Na medida em que a veiculação do material é capaz de fazer prevalecer uma forma de incidência no sentido de uma captura precisa dos laços, podemos depreender, por ora, que arranjos defensivos igualmente derivem de maneira típica, a partir de deslizamentos significativos ou de vias de trilhamentos já dados. Isso pode significar a existência de um funcionamento social orientado a vias fóbicas de estabilização, quer dizer, de uma injunção sistemática a uma responsividade típica ante o acossamento que leva o sujeito até uma posição patológica, de onde então ele opera um contra-investimento defensivo que, em sua exteriorização enviesada, se torna suscetível à captura num campo de uma oposição falsificada.

3. Outras derivas

A partir dos textos de Benjamin que ora tomamos em consideração, no que diz respeito a facilidades que reconduzem o sujeito a uma “elaboração” positiva do prejuízo provocado pela violência simbólico-real, podemos demarcar duas vias de saída que aventaríamos como depreendidas dessa condição fóbica de base. Uma delas aponta para a psicose, outra, para o fetiche. Quanto à pertinência e possibilidade dessa demarcação, lembremos que, para Benjamin, se trata também, em suas análises, de apontar determinados “perigos” (*ib.*, p. 207) ou “sintomas”, como é o caso, por exemplo, quando ele afirma e hachura, a propósito do cinema, que a “*recepção através da distração [...] constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas*” (Benjamin, 2012, p. 209, *itálicos do autor*).

Falando em distração, o envoltório arquitetônico de imagens que o cinema faculta tornar onipresente, por sua virtualidade massiva, reflete e reforça conjuntamente uma perspectiva das massas e, com isso, o levantamento do problema de “até que ponto nossa percepção está apta a responder a novas

tarefas” (Benjamin, 2012, p. 209). Kracauer, cuja lucidez antecipadora lançou luzes sobre a panóplia de “figuras acessórias que penetram até mesmo no ambiente doméstico” (2009, p. 345), põe-se já no rastro desse sistema de irradiação da nova simbólica erigida no seio da técnica, na condição de uma segunda natureza. Num mesmo horizonte de sentido, Benjamin implica a “reprodução em massa” com a “reprodução das massas” (Benjamin, 2012, p. 210), aduzindo a essa correlação um terceiro termo, a saber, “a crescente proletarização dos homens contemporâneos” (Benjamin, 2012, p. 209). Não é somente a extensão do arsenal imaginário, como ampliação sem limite do repositório de imagens, o que define o compromisso desses termos. Ao aspecto quantitativo do fenômeno, é preciso acrescentar o dinâmico, na medida em que a ingerência tátil, contida no princípio de montagem do cinema, por seu caráter interruptivo, perfura o espectro da “percepção sensível normal” (Benjamin, 2012, p. 205), reforçando o acesso à dimensão inconsciente aberta pelo novo campo ótico e, através disso, fazendo furo em direção à intimidade mais própria da elaboração associativa dos sujeitos. A incidência dessa dinâmica manipulatória, constitutiva de um dos lados da eficácia “fisiocrática” do cinema, recai sobre o recalque, isto é, seu crivo reside, de um lado, em determinado constrangimento à destinação do material recalcado. O açodamento das imagens, considerando nisso a amplitude massiva e a presença ubíqua das mesmas, exhibe uma força no sentido da deterioração dos laços reais entre sujeitos, impelindo-os à idiotia da realização paradoxal de um “comum imaginário”. O espírito desse processo, Benjamin o condensa na inversão da famigerada máxima de Heráclito. É a atuação do inconsciente a céu aberto o que está no centro da cena do mundo contemporâneo. Do ponto de vista dessa astúcia que permite uma livre atuação do recalcado, atentemos para a permissividade fascista a que as “massas cheguem à expressão de sua natureza” (Benjamin, 2012, p. 209). Bloqueia-se, assim, a tendência à abolição das relações de produção e de propriedade presentes (Benjamin, 2012, p. 209.), porque se favorece, sob a diretiva do mesmo investimento, um sugestivo encadeamento associativo. As espirais orbitam freneticamente nos olhos despertos dos sujeitos. Aqui se conjugam insulamento e satisfação coletiva imaginária. Eis a via da psicotização das massas.

É possível também encontrar delineamentos de uma solução defensiva pela fabricação do fetiche, em Benjamin; inclusive, sob uma impressionante coerência com as noções freudianas que compõem no texto *O fetichismo*, de 1927. Sabemos que, para Freud, o sentido do fetiche se funda na recusa em renunciar a uma imagem de totalidade da mulher não castrada (dotada de pênis), imagem constitutiva de uma suposição arcaica infantil, suposição, aliás, que é o ponto de partida das intrigantes investigações de Hans. Motivado pelo “horror à castração” (Freud, 2014, p. 306), que é intensificado pela relação especular com a mãe supostamente fálica, o interesse narcísico da criança procura evitar o mesmo suposto destino quando da constatação do real da genitália feminina. Como reação à dissolução dessa presunção, o fetichista repõe um substituto simbólico do “perdido”, obtendo com esse “signo do triunfo” (Freud, 2014, p. 306) sua garantia imaginária. Freud compreende, ainda, que a elaboração do fetichista assume igualmente o propósito psíquico de “protegê-lo de uma queda [*Untergang*]” (Freud, 2014, p. 304).

Retomando, pois, os pormenores críticos que extravasam em *Teorias do fascismo alemão*, dirigidos ao “entusiasmo pubertário” (Benjamin, 2012, p. 64) dos escritores de *Guerra e guerreiros*, constatamos, de saída, a intenção de Benjamin em tornar flagrante a desvinculação do discurso ideológico, que ele alcunha de “misticismo enraizado” (Benjamin, 2012, p. 64), de “certas ligações com o real” (Benjamin, 2012, p. 64): uma exacerbação de “emblemas”, “insígnias”, “ideal estereotipado” (Benjamin, 2012, p. 64), dos quais Benjamin toma nota não para marcar a controvérsia ou o equívoco simplesmente, mas para indicar mesmo o “sintoma” (Benjamin, 2012, p. 65), mais exatamente o sintoma de um procedimento que “passa ao lado [*vorbeigehť*]”¹⁴ (Benjamin, 2012, p. 65) da coisa e cuja abordagem não “permite chamar as coisas efetivamente pelo nome” (Benjamin, 2012, p. 66). Eis um discurso que, na sua parca elaboração do ocorrido¹⁵ – é para isso que nos chama atenção Benjamin –, inflaciona de valor o perdido. A recuperação cultural da última guerra, ensejada na elaboração desses autores, baseia-se na premissa firme da “guerra perdida” (Benjamin, 2012, p. 67), da perda (*Verlust*) operada a partir do “mais íntimo” (Benjamin, 2012, p. 67), perda tornada um bordão que entoou feito canto de sereia, mobilizando a reivindicação da “germanidade” (Benjamin, 2012, p. 67). Qual “articulação nítida” (Benjamin, 2012, p. 67) estaria em questão aqui, nessa tentativa de elaboração da perda, senão aquela que Freud desvela na solução fetichista, sobretudo quando reparamos, com Benjamin, que o acento está posto no “desejo de levar mais a sério a perda da guerra do que a própria guerra” (Benjamin, 2012, p. 67)? Reforcemos esse paralelo com as seguintes palavras de Benjamin, ainda a propósito dos autores da coletânea: “não lhes foi dado em nenhum momento querer olhar de frente o que fora perdido, e limitaram-se a aferrar-se a ele com firmeza” (Benjamin, 2012, p. 68). O fermento ideológico dessa posição constitui, sem dúvida, o reclame da queda (*Untergang*), do declínio, de forma mais direta: “um fetiche do declínio/[queda] [*Fetisch des Untergangs*]” (Benjamin, 2012, p. 75). O imaginário de uma unidade nacional, de uma totalidade a ser refeita vem aqui em auxílio, veiculado por uma linguagem impregnada de arcaísmos hipostasiados, que exprimem a “natureza”, o “espírito do povo”, a “identidade nacional”, cuja consagração estava a encargo de um “sinistro feitiço rúnico” (Benjamin, 2012, p. 76). Tal vaga discursiva encontra diante de si uma reforçada disposição perversa das massas, isto é, sua recusa do traumático, da queda, para ser preciso. Trata-se de um trabalho discursivo que lança mão de um miserável

¹⁴ Lembremos que, para Freud (*cf.* 2014, p. 307), a produção do fetiche funciona de modo homólogo ao processo da amnésia traumática, na qual a lembrança fixada diz respeito a algo das últimas impressões antes do momento propriamente traumático. A simbolização fetichista fará uso de elementos como que “contíguos” ao “núcleo” traumático. Por isso, o pé (que está no campo de visão que antecede à percepção traumática da genitália), seus derivativos como sapatos e botas, as roupas íntimas, *lingeries* e mesmo veludos e peles, que fazem referência aos pelos pubianos, se erigem aqui à função de objetos substitutivos.

¹⁵ *Cf.* Benjamin (2012, p. 66): “mas a culpa do insucesso dos autores justamente nesse ponto [...] está na pressa tão pouco aristocrática, inteiramente jornalística, com que tentam se apropriar da atualidade sem terem compreendido o ocorrido”.

simbolismo, embora suficiente para abrir trilhas aos afetos que se satisfarão na “mística da morte universal” (Benjamin, 2012, p. 75) da guerra.

No *Fetichismo*, Freud faz incidir sobre o componente ideativo do recalcado o trabalho de propósito recusador da elaboração, através da produção simbólica de substitutos fálicos. Para Freud, a componente afetiva permanece detida sob ação do recalque, enquanto o trabalho de recobrimento ideativo obtém êxito na direção de uma via de facilitação para a satisfação, na medida em que mascara seu objeto. Não falta, a Benjamin, essa perspectiva de denúncia de um discurso idealizante, com fins propagandistas da guerra imperialista, sem deixar de nomear seus agenciadores: “o idealismo foi fornecido pelo Estado e pelo governo” (Benjamin, 2012, p. 70) e, depois, quando estas instâncias se mostraram ideologicamente refratárias à nova logística bélica, resultante do aprimoramento dos novos meios técnicos disponíveis, esse trabalho é complementado e assegurado pela “intermediação de instâncias privadas” (Benjamin, 2012, p. 74). É em relação a esse estado de coisas que Benjamin evoca as metáforas do “rosto de esfinge” do produtor e do “mistério econômico” (Benjamin, 2012, p. 74), as quais se sumarizam na imagem “dos traços de medusa das feições [...]” (Benjamin, 2012, p. 75). Não podemos debitar na conta de uma mera coincidência que seja justo a mesma imagem aterrorizante da cabeça de Medusa que, em Freud, alude simbolicamente ao horror à castração, por remeter imaginariamente à genitália da mulher e, por conseqüência, ao horror à existência da diferença sexual (cf. 2011, p. 326), próprio da operação perversa, a qual, por extensão, parece ora funcionar no propósito da recusa da existência de uma diferença social, isto é, da diferença dos interesses de classes.

4. A espiral fóbica

Lacan, em sua tematização da fobia, no seminário *De um Outro ao outro*, apresenta uma reinterpretação da mesma em termos de “placa giratória” (2008, p. 298), não mais com base numa entidade clínica delimitada, pois. Nisso, ele parece ter em vista uma indefinição das projeções centrífugas provocadas pela rotação dessa placa. Em suma, se trata de compreender a fobia como um momento mediador que catalisa desdobramentos ulteriores, determinadas destinações das correntes em campo, uma “figura clínica” que se remete a “contextos infinitamente diversos” (2008, p. 298). Afirma Lacan:

Ela [a fobia] gira mais do que comumente para as duas grandes ordens da neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também realiza a junção com a estrutura da perversão; ela nos esclarece, em suma, sobre toda sorte de conseqüências que tem, e as quais não precisam se limitar a um sujeito particular para ser perfeitamente perceptíveis. (2008, p. 298)

O giro fóbico nos sugere aqui um ponto de detenção enigmático, cuja determinação é dada pela constelação dos fatores em jogo. Esse ponto de

detenção ou o encaminhamento resolutivo do complexo em atuação – parece ser o que Lacan pretende indicar – é determinado pela tensão conflitante – onde *isso* vai dar, portanto –, que se desenrola “no limite, na fronteira entre o imaginário e o simbólico” (2008, p. 290).

É-nos sugestivo o dado de que Lacan implique a fobia, nesse momento de sua discussão, através da temática do “saber-poder”, de que ele inclusive a remeta a certo “vocabulário político” (2008, p. 313). Talvez, porque o medo “irrealista” que a fobia evidencia possa ensinar sobre alguns efeitos de simulação e injunções no campo do poder político. Com relação à solução de Hans, Lacan reforça uma renitência imaginária em consumir um dimensionamento simbólico para o real suportado pelo objeto fóbico. Nisso consiste a metáfora lacaniana de que a fobia seria um “tigre de papel” (2008, p. 298), isto é, um recurso do sujeito para “solucionar uma questão que não pode ser resolvida no nível de sua angústia intolerável” (2008, p. 298). Com esse entendimento, a transposição simbólica que Freud discute no caso Hans recobra uma centralidade. É justamente na transposição que permanece refratária à consumação simbólica, ou seja, que permanece engodada em vínculos imaginários, vínculos que, para Lacan, surtem efeitos de gozo, onde se percebe um forte eco de Freud em sua interpretação, na medida em que este último compreende a fobia como uma “vitória do recalque”. A *via crucis* da fobia, enquanto horizonte de eventos que decidem da elaboração do material recalado do sujeito, nos parece, é o que se põe aqui em questão. Dito de outro modo e referido ao contexto localizado da discussão feita por Lacan, é por onde a posição do sujeito, no interior da conjunção saber-poder, encontra uma estase.

Se pudéssemos demarcar semelhante constelação de fatores em Benjamin, através da qual pudéssemos localizar essas assombrosas feições de tigre, certamente, o açodamento imaginário que transtorna as relações entre os homens, a incidência permanente de um traumático pela guerra, na sua forma paroxística e cotidiana – tomando nota de que aqui estão em jogo os elementos e efeitos análogos ao que ocorrem na confrontação fóbica forçada analisada por Freud – e, por fim, o prejuízo para o trabalho de simbolização na linguagem que se apresenta na imagem do combatente que retorna emudecido, certamente, diríamos, esses elementos nos forneceria uma coesão suficiente para a compreensão de como a estabilização fóbica proporciona uma condição defensiva onde as reivindicações reativas encontram seu domínio justificado de produção, reforço e perpetuação.

Podemos depreender que, ao deslocar a fobia da posição de uma entidade psicopatológica acabada para a de um complexo indefinido que, suscetível às circunstâncias psíquicas, direciona o sujeito a várias soluções estruturais, Lacan nos dá lastro para pensarmos, com Benjamin, como o açodamento fóbico pode se estreitar a determinados usos políticos que se colocam a serviço da manutenção da ordem capitalista. A via de solução perversa, articulada por Benjamin no caso do fascismo, ou a da psicotização generalizada, como nos parece sugerir as seções finais do texto d’ *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*,

constituem formas de “estabilização” comprometidas com a inibição, a paralisia, o recobrimento e o alheamento diante das condições de vida no capitalismo contemporâneo. Seja a face desproporcional e danosa da guerra e da violência cotidiana, seja o afluxo luxuriante do mundo das imagens, seja o reforço de todos os discursos de ódio, que intervém na possibilidade de elaboração de toda e qualquer diferença, seja na conjugação de todos esses vetores, ou nas perversas conjunturas possíveis dos mesmos, a condição fóbica parece se apresentar como um esteio eficaz e prolífico para certas destinações e trilhamentos de nossa atualidade.

Em verdade, essa captura imaginária do trabalho simbólico responde pelo fato de que o sujeito obvie seus danos através de uma comunhão suportada na imagem. É isso o que é reportado por Benjamin naquele operador miraculoso que torna um automóvel tão pesado quanto um chapéu de palha (2012, p. 128), o mesmo capaz de conjugar a atuação desinibida da pulsão com os traços idealizados da hipocrisia cultural¹⁶, isto é, a conjugação de “primitividade e conforto” (2012, p. 128). Tais circunstâncias suscitam a agressividade recalcada a encontrar um escoamento perverso. Numa perspectiva possível de conjunto, revela-se nisso um mecanismo infernal que conduz a agressividade a uma via de retroação. Os investimentos distorcidos da agressividade fóbica impelem a alvos cada vez mais multiplicados, que não ficam apenas no plano simbólico, nem se amarrotam simplesmente como as girafas de papéis de Hans, mas se erigem realmente na condição de matáveis e gozáveis.

Referências

BENJAMIN, Walter. “Teorias do fascismo alemão”. *In: Obras Escolhidas I*. Trad. bras. de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 63-76

¹⁶ A esse respeito, citemos Freud (2010, p. 223): “a sociedade cultural, que exige a boa ação e não se preocupa com a motivação pulsional da mesma, alcançou desta maneira a obediência cultural de um grande número de homens, que nisso não seguem suas naturezas próprias. Encorajada por esse sucesso, ela se induziu a distender o maximamente possível as exigências éticas e, assim, seu participante foi compelido a um distanciamento ainda maior com relação à sua própria exigência pulsional. Com isso, pois, se impôs uma paulatina supressão pulsional, cujo tensionamento se manifesta nos mais estranhos fenômenos reativos e compensatórios. No domínio da sexualidade, onde tal supressão se realizou menos, ocorrem, então, os fenômenos reativos dos adoecimentos neuróticos. Quando, de resto, a cultura não produz nenhuma conseqüência patológica, ela se exterioriza, todavia, em deformações de caráter e na constante prontidão das pulsões inibidas para irromper em ocasiões oportunas, em direção à satisfação. Quem é compelido continuamente, no sentido de reagir a prescrições que não são expressão de suas inclinações pulsionais, vive, psicologicamente falando, acima de seus meios e é preciso ser qualificado objetivamente como hipócrita, tanto faz se esta diferença tornou-se, para ele, conscientemente clara ou não. É inegável que nossa presente cultura favorece, numa amplitude extraordinária, à formação desse tipo de hipocrisia. Poder-se-ia ousar a afirmação de que ela estaria edificada sobre tal hipocrisia e que seria necessário aos homens consentir em passarem por profundas modificações, caso eles empreendessem viver conforme a verdade psicológica. Existe, portanto, incomparavelmente, mais hipócritas da cultura do que homens efetivamente culturais”.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. *In: Obras Escolhidas I*. Trad. bras. de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 123-128.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. *In: Obras Escolhidas I*. Trad. bras. de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 179-212.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. *In: Obras Escolhidas I*. Tradução bras. de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 213-240

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”. *In: Obras Escolhidas I*. Trad. bras. de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 241-252

BENJAMIN, Walter. “O caráter destrutivo”. *In: Documentos de Cultura/Documentos de Barbárie (escritos escolhidos)*. Trad. bras. de tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa. Cultrix: São Paulo, 1986. pp. 187-188.

FREUD, Sigmund. “Análise da fobia de um garoto de cinco anos”. *In: Obras completas*. Trad. bras. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2015. v. 8, pp. 123-284.

FREUD, Sigmund. “O Fetichismo”. *In: Obras completas*. Trad. bras. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2014. v. 17, pp. 302-310.

FREUD, Sigmund. “A cabeça de Medusa”. *In: Obras completas*. Trad. bras. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2011. v. 15, pp. 326-328.

FREUD, Sigmund. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”. *In: Obras completas*. Trad. bras. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2010. v. 12, pp. 209-246.

KRACAUER, Siegfried. “Culto da distração”. *In: O ornamento da massa*. Trad. bras. de Carlos Jordão & Marlene Holzhausen. Cosac Naify: São Paulo, 2009. pp. 343-348.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Trad. bras. de Dulce Duque. Zahar: Rio de Janeiro, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Trad. bras. de Vera Ribeiro. Zahar: Rio de Janeiro, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Trad. bras. de M. D. Magno. Zahar: Rio de Janeiro, 2008.

Submetido em 04/11/2022

Aceito em 01/08/2023